

Tradição, Rituais de Encontro e Espaços de Convívio intergeracional nas feiras portuguesas contemporâneas¹



Giovanna de Aquino Fonseca Araújo

Apresentamos neste artigo um recorte da pesquisa de doutorado em História, realizada nas feiras contemporâneas localizadas na região do Minho em Portugal. Ir às feiras de maneira periódica seja a barcelense, a limiana ou vila-condense², representa para a sociedade civil uma tradição, originada muitas vezes na infância, mantida e rememorada a cada visita, seja em fase adulta ou na velhice. Essa tradição - de ir e vir as feiras - corresponde a práticas de ritual coletivo, seja por familiares, amigos ou simples conhecidos, conforme observado nos depoimentos a respeito da representação que as feiras tem para os sujeitos que delas participam,

É uma tradição. É muito bom. Os nossos avós também vinham à feira, nossos pais e eu acho bom isto. Acho importante manter a tradição³;

¹Doutorado em História Contemporânea realizada na Universidade do Minho em Portugal e em

²Feiras investigadas em estudo de doutorado, localizadas ao Norte de Portugal, na região do Minho: Vila do Conde, Barcelos e Ponte de Lima.

³Entrevista concedida à autora pela Sra. Priscila, freguesa, em Barcelos em 22 de Novembro de 2007.

Lembro-me de quando era miúda da rotunda para lá [aponta localização] e eu queria vir, meus pais não deixavam, não é? E eu queria vir, então vinha. Desde nova gostava de ser um bocadito mais livre e eu fugia e vinha para aqui [refere-se a feira de Ponte de Lima]. Um dia encontrei a minha tia que me viu e me disse: vou dizer a tua mãe que estás aqui neste estado. Pronto, mas eu queria ver e vinha. Eu gostava era disso, da feira de gado. Queria liberdade. A feira de gado não acabou, mas agora é lá em cima⁴;

Sim, da minha infância é totalmente diferente. As mercadorias são diferentes. Mas a forma de nos tratar é igual. Gosto disto⁵;

É uma feira tradicional, é muito falada. Meus pais me traziam e eu trago meus filhos nas férias, quando são as feiras novas. Uma pessoa tem que habituar para eles aprenderem, veem as coisinhas. Gostava muito de ver com os meus avós, meu avô vinha ver a feira de gado, que acho que agora já não há mais, os animais⁶;

É uma feira popular. É tradicional tem de tudo um bocadito. É importante para nós da região, é uma feira muito antiga e as pessoas gostam de ver a feira. Eu venho desde miúda com minha avó e sou assídua, venho sempre⁷.

Atendendo aos preceitos da cultura popular, aqui entendida como “universos de sentido, padrões de conduta, práticas e obras propriamente culturais, intrinsecamente associados à condição e à ação da multiplicidade de atores, individuais e grupais, presentes num certo espaço-tempo social” (SILVA, 1994, p.119) vemos estas características elencadas anteriormente como uma representação das,

Artes e os ofícios tradicionais [que] estão fortemente ligados às identidades locais, regionais e nacionais, representando o gesto criativo e a técnica melhor conseguida [nas feiras investigadas], correspondendo à uma síntese da História conjunta da sensibilidade e do saber-fazer, constituindo ao mesmo tempo um fator imprescindível de desenvolvimento sustentado, que tem o homem como centro e a arte tradicional como força catalisadora de traços culturais (COSTA, 1998, s/p).

⁴Entrevista concedida à autora pela Sra. Maria Anunciada, freguesa em Vila do Conde, em 28 de Dezembro de 2007.

⁵Entrevista da Sra. Maria Helena, freguesa, em Barcelos em 22 de Novembro de 2007.

⁶Entrevista da Sra. Maria do Céu, feirante Ponte de Lima, em 26 de Novembro de 2007.

⁷Entrevista da Sra. Maria Amélia, feirante Ponte de Lima, em 10 de Dezembro de 2007.

De maneira consensual a sociedade civil reconhece essa História conjunta mencionada, e com a qual relacionamos as feiras, como espaços com práticas que corroboram para as características que compõem o património cultural imaterial lusitano. São elas: tradições; expressões orais; artísticas; práticas sociais empreendidas no cotidiano, nas festas e nos rituais de convívio intergeracional. Daí a necessidade da salvaguarda. Os depoimentos a seguir corroboram para este entendimento:

Não! Não pode acabar! É um símbolo de Barcelos e toda gente sabe. A feira de Barcelos é o símbolo de Barcelos. E não só! É o símbolo de Portugal⁸;

[...] A feira de Ponte de Lima é a segunda maior do país, Barcelos é a principal. Mas essa aqui [refere-se a limiana], ainda representa o nosso país⁹;

Acho que é uma coisa que já faz parte de Ponte de Lima há 800 anos¹⁰;

Essa feira é típica no norte. As pessoas trazem os produtos agrícolas¹¹;

As feiras não podem se acabar querida, é um ponto de diversão para toda gente e a possibilidade de comprarem coisas que em outros lugares não tem¹²;

Toda gente compra nos supermercados, mas não deixam de vir à feira, é tradicional este hábito¹³.

Neste contexto, convém recuperarmos imagem da Feira não apenas como tradição, mas também como lugar de encontro e de sociabilidade para seus transeuntes - intergeracional. As falas a seguir atribuem igualmente essa característica – sociabilidade - na continuidade das feiras minhotas:

[...] Barcelos é um município que reúne oitenta e nove freguesias e que a vinda à quinta-feira à cidade começou por ser uma forma também das pessoas se socializarem, de encontrarem outras pessoas de outras freguesias de perto e de distante e por isto ser um dos motivos que a feira continua viva em Barcelos [...] As feiras são também

⁸Entrevista da Sra. Ana Paula, freguesa, em Barcelos em 29 de Novembro de 2007.

⁹Entrevista do fiscal municipal há mais de 30 anos, Sr. António Martins, em 10 de Dezembro de 2007, na Câmara municipal de Ponte de Lima.

¹⁰Entrevista da Sra. Elsa, freguesa em Ponte de Lima, em 10 de Dezembro de 2007.

¹¹Entrevista da Sra. Maria da Conceição, feirante Ponte de Lima, em 10 de Dezembro de 2007.

¹²Entrevista da Sra. Fátima Gonçalves, freguesa em Vila do Conde, em 14 de Dezembro de 2007.

¹³Entrevista do Sr. Alberto Laranjeira, responsável pelo setor de feiras e mercados na Câmara Municipal de Vila do Conde, em 06 de Maio de 2011.

mercados de conversação, em que se partilha experiência¹⁴;

A feira semanal de Vila do Conde, para além da questão económica, também se percebe a valorização pelo social. As pessoas do Concelho que moram em outras freguesias vêm a Vila do Conde dia de sexta-feira para encontrar com pessoas. Marcam com as pessoas neste dia¹⁵.

Uma das derivações da concepção atual de património imaterial ocorre do entendimento de que o bem cultural deve representar para a comunidade, diretamente ligada a ela, experiência de sociabilidade transmitida na partilha.

Afirma, contudo Campelo (2008, p. 134) que:

A transmissão da experiência humana de que este património é testemunho é uma das obrigações dentro do processo de partilha numa sociedade globalizada, acreditando que nessa partilha poder-se-á realizar uma experiência única.

Para tanto se faz necessário um estreitamento nas relações sociais evidenciadas no espaço a ser reconhecido como bem patrimonial. No caso das feiras minhotas, apesar dos feirantes serem itinerantes, também se percebe relações de amizade entre os personagens. O fato de as feiras não serem diárias, como no Brasil, poderia contribuir para a escassez deste tipo de sentimento – amizade – no entanto, ao contrário, percebe-se elevada solidez nas relações. Os dados quantitativos ilustrados no gráfico demonstram, um percentual de 53% nas respostas afirmativas dos fregueses em relação a ter feirantes amigos.

Gráfico 01 – Demonstrativo de laços de amizade entre fregueses e feirante (Portugal)



Fonte: Pesquisa de campo ICS/UMINHO/PPGH/FFCH/UFBA 2007

¹⁴Entrevista do Dr. Sérgio Pires, vereador do Turismo e Artesanato da Câmara Municipal de Barcelos, em 30 de Junho de 2011.

¹⁵Entrevista do Sr. Alberto Laranjeira, responsável pelo setor de feiras e mercados na Câmara Municipal de Vila do Conde, em 06 de Maio de 2011.

Quanto à solidez, pode ser verificada na fala da freguesa entrevistada em Ponte de Lima, a confirmação de que os laços de amizade são, em alguns casos, laços também de solidariedade:

São de longe, e é mais difícil manter a amizade. Mas quando vemos a feira nos encontramos. Por exemplo, temos [refere-se a ela e a mãe] amizade com essa senhora e eu consegui, com amizade, com uma pessoa, que ela viesse fazer a feira de Ponte Lima [um lugar]. Falei - olha vou tentar - tenho pessoas na Câmara, conhecidos. Depois conseguimos e cá está¹⁶.

E em relação aos feirantes minhotos, estes afirmaram em 75% ter fregueses amigos, conhecidos e em estabelecer relações de amizade e de sociabilidade nas feiras.

Gráfico 02 – Demonstrativo de laços de amizade entre feirantes e fregueses (Portugal)



Fonte: Pesquisa de campo ICS/UMINHO/PPGH/FFCH/UFBA 2007

Essa sociabilidade muitas vezes se torna o maior atrativo que lhes fazem permanecer neste ofício, vencendo as adversidades da contemporaneidade. Ou seja, as feiras minhotas ainda são consideradas, pelos feirantes, como ponto de encontro, local de convívio, de distração e de socialização. Observemos alguns depoimentos que demonstram o que estamos a referir:

Gosto de conviver com as pessoas. Gosto imenso disto. Encontro com eles e considero como amigos mesmo. Há, numa altura [em um momento] encontrei um cliente em restaurante fora daqui. Outro dia foi em um casamento. Não sabia de que feira era, mas depois lembrei-me¹⁷;

Gosto do convívio. Uma pessoa não estar no mesmo sítio. Conhecer sempre pessoas novas¹⁸;

¹⁶Entrevista da Sra. Piedade, freguesa, em Ponte de Lima, em 26 de Novembro de 2007.

¹⁷Entrevista da Sra. Maria Madalena, feirante, em Barcelos em 22 de Novembro de 2007.

¹⁸Entrevista da Sra. Ana Bela, feirante, em Barcelos em 22 de Novembro de 2007.

Vida de feirante é muito difícil, mas o bom é que convive-se com os clientes. Meus melhores amigos são meus clientes¹⁹;

O que mais gosto aqui é a convivência com as pessoas²⁰;

Encontro-me com as pessoas. Normalmente encontro-me com ela [se refere à mãe], porque não moro com ela²¹;

Ver o movimento e distrair. Às vezes também encontro os amigos²²;

Comprar e passear, encontrar com as pessoas. É bom para os filhos não irem somente para os shoppings, conhecem um pouco da cultura da região²³;

Considero como família praticamente [se refere aos fregueses]. Tenho muita consideração por eles. E eles também. Fui a um casamento de uma delas²⁴;

É o local que muita gente se encontra. Há pessoas que tiram a segunda-feira para se juntar²⁵;

Convive-se com as pessoas. Temos fregueses antigos e nos encontramos em dias de festa nas aldeias²⁶;

O convívio com as pessoas é o que mais me atrai (...)²⁷;

O convívio com as pessoas, além de vender. Encontro várias pessoas. Tenho imenso gosto de encontra-los é muito bom a gente encontra-los. Às vezes encontro [quando perguntada se encontra fora da feira], estou em Lisboa, em Fátima, no Porto... eles dizem: - estão por aqui a passear? [risos]. E eu digo: tem que ser e toco a andar. Toda a gente que vive fora do país e, por exemplo, na altura do Natal e outros festejos encontram-se. As pessoas se encontram e é uma festa. Bebem alguns copos juntos, em determinadas aldeias. Dia de feira é sempre um dia de festa²⁸;

¹⁹Entrevista da Sra. Beatriz, feirante em Vila do Conde, em 28 de Dezembro de 2007.

²⁰Entrevista da Sra. Maria dos Anjos, feirante Ponte de Lima, em 10 de Dezembro de 2007.

²¹Entrevista da Sra. Elsa, freguesa na Feira de Ponte de Lima, em 10 de Dezembro de 2007.

²²Entrevista do Sr. Manoel, freguês angolano, em Barcelos em 22 de Novembro de 2007.

²³Entrevista da Sra. Fernanda, freguesa em Vila do Conde, em 14 de Dezembro de Novembro de 2007.

²⁴Entrevista da Sra. Maria Madalena, feirante em Vila do Conde, em 28 de Dezembro de 2007.

²⁵Entrevista da Sra. Carmem, freguesa, Ponte de Lima, em 10 de Dezembro de 2007.

²⁶Entrevista do Sr. Jorge Correia, feirante Ponte de Lima, em 26 de Novembro de 2007.

²⁷Entrevista da Sra. Maria Amélia, feirante Ponte de Lima, em 10 de Dezembro de 2007.

²⁸Entrevista do Sr. Manuel Ferreira, feirante, em Barcelos em 22 de Novembro de 2007.

Nem é a compra somente, mas a amizade que construímos. No verão nos encontramos²⁹.

E, por fim, para além da representação das feiras contemporâneas como tradição, ritual de encontro e espaço de convívio intergeracional, uma última questão consideramos relevante ser mencionada, pois corrobora para o reconhecimento desses espaços como bem patrimonial: são as formas de fazer e de saber fazer dos personagens que, ao mesmo tempo em que são feirantes, são também os responsáveis por suas respetivas produções. Referimo-nos aos agricultores, lavradores e artesãos.

Estes valores são excepcionais ao património, e atualmente nos parece que em Portugal começa a ser retomada³⁰. Duas hipóteses são levantadas para explicar este fato: a crise económica e a qualidade dos produtos nacionais e inatural. Sobre a crise a Câmara de Vila do Conde já aposta na valorização dos produtos locais.

Com a crise temos percebido que a tendência é dos portugueses voltarem a valorizar as coisas da terra. Olhar para si. Então o que temos feito neste sentido? [se refere a ações planeadas pela Câmara Municipal] Temos um projeto para realizar uma feira mensal com artigos [exclusivos] de origem do Concelho: hortícolas, animais domésticos (coelho, galinha...) e frutas³¹.

Sobre a qualidade dos produtos a Câmara de Barcelos refere-se:

Como é que se consegue manter estas feiras ativas apesar da globalização, apesar dos shoppings, hipermercados? Há algo que as pessoas ainda procuram que é uma época em que todos nós falamos de um conjunto de produtos que sofrem alterações genéticas, outros produtos que sofrem alterações de produção. Quando falamos nestas feiras falamos para além do que é tradicional [refere-se aos produtos importados, dos retalhistas, vendedores de produtos diversos, aos ambulantes, etc], mas também falamos em olaria, nos figurados, nos hortícolas; o contato pessoal, o regateio, que para algumas pessoas trás “gozo”, e penso que a diferença muitas vezes se faz nestas coisas³².

²⁹Entrevista do Sr. José Manuel, feirante em Vila do Conde, em 28 de Dezembro de 2007.

³⁰Ainda de maneira embrionária. Mas percebe-se nos depoimentos uma valorização aos produtos locais, diante dos preços e da qualidade atribuída aos mesmos.

³¹Entrevista do Sr. Alberto Laranjeira, responsável pelo setor de feiras e mercados na Câmara Municipal de Vila do Conde, em 06 de Maio de 2011.

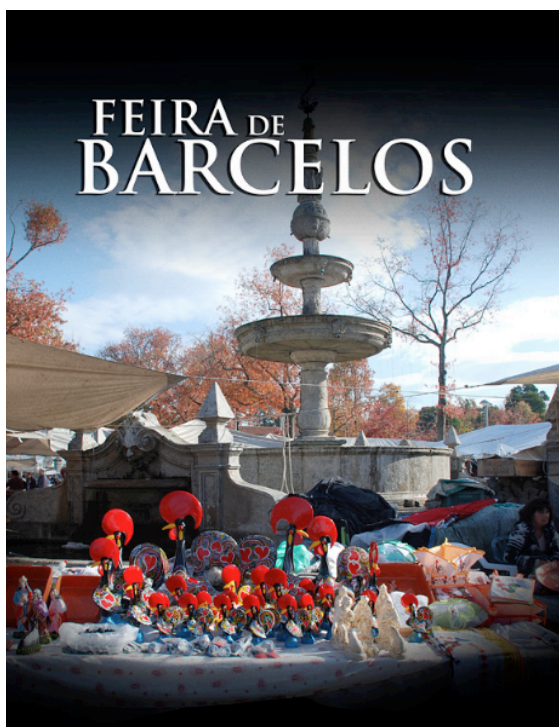
³²Entrevista do Dr. Sérgio Pires, vereador do Turismo e Artesanato da Câmara Municipal de Barcelos, em 30 de Junho de 2011.

As freguesas em Vila do Conde apresentam opiniões que vão à mesma direção de valorização a produção local e, portanto, patrimonial:

Têm pessoas que esperam pela feira para comprar determinados produtos. Principalmente os mais velhos. Em época medieval e hoje, em 2007. É uma experiência muito válida³³.

Tenho o hábito de vir ver as coisas, como as lavradeiras que vendem o quem produz³⁴.

Especificamente ao fato de reconhecer e valorizar os produtores locais, pudemos perceber o tratamento concedido aos artesãos na Feira de Barcelos que conta, por exemplo, com aproximadamente vinte e cinco artesãos, moradores do Concelho, que comercializam na feira semanal, com a seguinte distribuição: três no artesanato em Madeira (essencialmente Jugos, materiais agrícolas e miniaturas); um na funilaria (candeias e afins); dezesseis em olaria (louça tradicional, figurado e cerâmica decorativa); cinco - artesãos e feirantes - que se dedicam a pintura de galos³⁵.



No entanto, não se deve perder de vista a capacidade de resistência dos atores que compõem o universo das feiras, demonstrada em astúcias e experiências rememoradas por meio da memória coletiva. Homens e mulheres que viveram e vivem nas feiras demonstram a sua resiliência e também as importantes relações sociais de que são agentes, bem como a sua permanente adequação a todo o contexto cultural de que fazem parte.

Convém lembrar, ainda, que para entendermos as falas dos feirantes e fregueses, foi preciso considerar a relação dialética existente entre a sua experiência e a consciência social dos sujeitos, expressa por meio da relação estabelecida entre oralidade e memória. Uma e outra foram consideradas de maneira associada, já que a memória foi abordada como uma representação das lembranças vividas e travestidas em

experiência, enquanto a oralidade foi interpretada como a possibilidade de denúncia ou mesmo de anunciação de factos até então silenciados.

³³Entrevista da Sra. Felipa, freguesa em Vila do Conde, em 14 de Dezembro de 2007.

³⁴Entrevista da Sra. Maria do Carmo, freguesa em Vila do Conde, em 25 de Novembro de 2007.

³⁵Informação concedida pelo Sr. Nuno Rodrigues funcionário do Departamento de Turismo na Câmara Municipal de Barcelos, em 01 de Julho de 2011.

Concluindo, vemos que as feiras localizadas na região do Minho de Portugal, são ainda³⁶ na atualidade, espaços de imbricação não apenas de diversas territorialidades, em virtude de sua composição incluir origens múltiplas, que vão desde as mercadorias expostas, até os sujeitos que nelas transitam. Mas também e, sobretudo de espaços de convívio intergeracional que evidenciam a importância da valorização das pessoas idosas no contexto da construção da intergeracionalidade igualitária entre as gerações. Tendo em vista que o diálogo entre crianças, adultos e idosos corroboram para a sociabilidade de experiências e de valores. Assim, esses encontros fazem da feira um lugar catalisador de agentes sociais plurais em busca da valorização pela cultura da intergeracionalidade, ao contrário dos lugares modernos de consumo, a exemplo de supermercados, lojas, grandes centros comerciais, como shoppings e atacadões e até mesmo sítios na internet, que pouco promovem essa relação humana.



Referências

- ALMEIDA, C. A. F. *Barcelos*. Editorial Presença. Lisboa (“A feira de Barcelos”), 1990.
- ALVES, J. Feiras e mercado interno na História contemporânea: algumas notas avulsas. Em: Garrido, L. (Coord.). *Actas do 3º Encontro de História. Os Vetores de Desenvolvimento Económico as Feiras Da Idade Média à época Contemporânea. Terra e Terra, N. 31*. Câmara Municipal de Vila do Conde, Vila do Conde, 2005, pp. 155-165.
- AMADO, J. M. M. *História Económica e Social dos Séculos XV a XX*. F. C. Gulbenkian. Lisboa, 1993.
- AMZALAK, M. B. *As feiras em Portugal. Notas históricas*. Boletim da Associação Central de Agricultura Portuguesa. Lisboa, 1921.
- ARAÚJO, G.A.F. Memórias e Oralidade dos feirantes luso e brasileiros sobre seus respectivos lócus de trabalho diário: aspectos de identificação e valores concebidos por esses sujeitos na contemporaneidade. Em: *XXV Simpósio Nacional de História. Livro de Resumos*. ANPUH, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza- CE, 2009, julho. p. 489. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0741.pdf>

³⁶ Apesar do crescimento de outras práticas de lugares de consumo modernas.

BACALHAU, M. *Atitudes, Opiniões e Comportamentos Políticos dos Portugueses: 1973-1993*, Heptágono, Lisboa, 1994.

BARRETO, A. (2005). Mudança social em Portugal, 1960-2000. Em: *Portugal contemporâneo*. Coord. Antônio Costa Pinto (Anais). Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2005, p. 161.

BARRETO, M. *Turismo e Legado Cultural: As Possibilidades do Planeamento*. 2ªEd. PAPIRUS, São Paulo, 2000.

BERNARDES, T. B. (coord.). Município de Ponte de Lima. *Agenda cultural*. Impressão Tipografia Tadinense. Tadim, 2001, julho.

BUCHO, D. A. Turismo e Património: Que relação? Em: *Turismo: Horizontes Alternativos: atas do Encontro Turismo*. pp. 80-81. Apud: "Carta do Turismo Cultural". Em: *Textos internacionais sobre a Preservação e valorização do Património*. Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, Angra do Heroísmo, Açores, V. XLIV, 1986, p. 34.

BURKE, P. *Uma História Social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução Plínio Dentzien: Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2003, p.78.

CACHINHO, H. (coord. do Projeto). *Centros Comerciais em Portugal. Conceitos, tipologias e dinâmicas de evolução*. Relatório de estudo realizado pelo Observatório do Comércio. Lisboa, 2000, Março.

CAMPELO, Á. *Património imaterial de Ponte de Lima*. Câmara Municipal. Ponte de Lima, 2006.

_____. Patrimônio: Espaço e vida. Da herança à Construção da identidade. Em: *Ponte de Lima Terra rica da humanidade*. (Painel 3 Património Imaterial). Gabinete Ponte de Lima. Terra Rica da Humanidade (coord. geral). Ed. Município Ponte de Lima Rainha & Neves Lda, 2008, p. 134.

CASTELO-BRANCO, S. E; BRANCO, J. F. (Coords.). *Vozes do povo: a Folclorização em Portugal*, Celta Editora, Oeiras, 2003.

CASTILHO, C.J.M. de. *O comércio e o turismo: o seu rebatimento no processo de produção do espaço em Recife*. Revista de Geografia, v.17, nº 2. Recife: UFPE – DCG / NAPA, 2001, jul. /dez. pp. 5-25.

CASTRO, A. *Estudos de História contemporânea portuguesa*. Centro de História da Universidade do Porto. Livros horizonte. Lisboa, 1991.

CHARTEIR, R. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. DIFEL. Lisboa, 1990.

CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. Ed. Unesp, São Paulo, 2001.

CLARO, J. M. Aspectos Jurídicos do Património Imaterial. Em: *Museus e Patrimônio Imaterial. Agentes, fronteiras, identidades*. Lisboa, 2009. pp. 141-151.

CLEPS, G. D. G. O comércio informal e a cidade. Em: *II Simpósio Regional de Geografia "Perspectivas para o cerrado no Século XXI"* Universidade Federal de Uberlândia- Instituto de Geografia, 2003.

COELHO, M. H. da C. Bragança Medieval em tempos de feira e festa. *Brigantia-Revista de Cultura*; XIV, 3/4: 1994, pp. 3-14.

COSTA, E M L. Brasil: o espaço territorial; as gentes; as atividades. Em: *O povo cigano entre Portugal e a terras além-mar (séculos XVI-XIX)*. Ed. Grupo de trabalho do Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses, Lisboa, 1997.

COSTA, E. *A globalização e o capitalismo contemporâneo*. Expressão Popular. São Paulo, 2008.

COSTA, H. V. Artes e ofícios tradicionais: um fator fundamental do desenvolvimento local; uma componente genuína do turismo cultural. Em: *Turismo: Horizontes Alternativos: atas do Encontro Turismo*; Org. Escola Superior de Educação de Portalegre, 1998.

COSTA, M. A. A. *Ciganos - histórias de vida*. Edições Minerva. Coimbra, 2006.

COSTA, P. F. da. Discretos Tesouros: Limites à Proteção e outros Contextos para o Inventário do Patrimônio Imaterial. *Revista Museologia. PT*, nº 2, Instituto dos Museus e da Conservação, Lisboa, 2008, pp. 16-35.

DEVEZAS, T. e Rodrigues, J. N. *Portugal - O Pioneiro da Globalização A Herança das Descobertas*. Coleção Desafios. Edições Centro Atlântico. Lisboa, 2009.

DURARD, J-Y. (org.). *Os Lenços dos Namorados: frentes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação.*, PROVIVER EM, 2ª ed. (revista e aumentada). Vila Verde, 2008.

GODOY, M. do C. Patrimônio Cultural: conceituação e subsídios para uma política. Em: *Encontro Estadual de História, ANPUH/MG, Belo Horizonte - MG*, 1985.

SILVA, A. S. (1994). *Tempos Cruzados, um Estudo Interpretativo da Cultura Popular*. Edições Afrontamento, Porto, 1994, p. 119.

Data de recebimento: 11/03/2018; Data de aceite: 21/05/2018.

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo. Pós doutora em História (UFCG), professora da rede municipal de ensino Prefeitura Municipal de Campina Grande, atualmente coordenadora de Educação Patrimonial nas escolas. Email: giovannaquino@ig.com.br